

# A DIMENSÃO DIALÓGICA E SOCIOAXIOLÓGICA DO DISCURSO REPORTADO EM BAKHTIN

Pedro Farias FRANCELINO<sup>1</sup>

## RESUMO

Partindo do princípio de que a linguagem humana apresenta um caráter essencialmente socioaxiológico, discutirei, neste artigo, a noção de discurso de outrem a partir da proposta do princípio dialógico elaborada por Bakhtin e seu Círculo. Mostrarei as implicações dessa abordagem no plano lingüístico e discursivo do enunciado, evidenciando que o tratamento dispensado à questão pela estilística e sintaxe tradicionais acabaram deixando de lado os aspectos sociais, históricos e interacionais determinantes no processo de produção de sentidos entre sujeitos sócio-historicamente situados.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Dialogismo. Sujeito falante. Discurso de outrem.

## Introdução

A difusão do pensamento bakhtiniano no Ocidente trouxe-nos como maior legado a possibilidade de vislumbrar a linguagem humana a partir de uma ótica que – se não desprezada, pelo menos relegada a um plano secundário no arcabouço teórico-metodológico de uma lingüística chamada imanente – dá uma atenção especial a aspectos exteriores decisivos na produção de sentido em atividades de uso da linguagem em situações sócio-interativas.

Neste trabalho, discutirei uma questão – dentre muitas outras – que se inclui entre uma das maiores contribuições de Bakhtin e seu Círculo para os estudos lingüísticos. Trata-se do discurso reportado ou *discurso de outrem*. Meu principal objetivo é mostrar como o tratamento dado por Bakhtin à questão constitui um endosso para sua teoria dialógica e socioaxiológica da comunicação verbal humana, quando propõe um caminho teórico que vai do componente formal da língua, isto é, dos elementos sintáticos propriamente ditos, ao aspecto sócio-histórico, que explica satisfatoriamente – do ponto de vista da proposta do dialogismo – as diversas formas de introdução, recepção e assimilação do discurso do outro no contexto do discurso narrativo. Para isto, recorro aqui a alguns textos que considero relevantes por se tratarem dos trabalhos que apresentam mais clara e enfaticamente a noção abordada. São eles: *Marxismo e filosofia da linguagem* (1999), que separa alguns capítulos específicos para a discussão do tema; neste trabalho, deter-me-ei apenas ao nono capítulo; *Discurso na vida e discurso na arte* (1976); *Os gêneros do discurso* (2000) e *O discurso no romance* (1993). O procedimento metodológico que norteou este estudo foi o da pesquisa bibliográfica dos textos mencionados, nos quais pude fazer um sucinto levantamento de algumas citações em que se pode observar nitidamente a proposta do autor.

Antes, porém, de adentrar à discussão sobre o assunto, trarei algumas considerações sobre o dialogismo, concebido nas teorias do discurso e da enunciação como o princípio constitutivo da linguagem e condição de existência do discurso. Na perspectiva dos trabalhos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, a noção de dialogismo constitui o fio condutor de suas teses sobre a linguagem, que passa a ser vista como uma atividade social, histórica, ideológica e interativa.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal da Paraíba.

## 1. A constituição dialógica da linguagem

Bakhtin e seu Círculo – no que se refere às idéias lingüísticas – inauguraram um novo paradigma de reflexão sobre a linguagem partindo da crítica à hegemonia de duas grandes correntes do pensamento filosófico-lingüístico dominantes em sua época: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato.

A primeira tendência caracterizava-se pelo interesse no ato de fala individual, o que significa dizer que o ato de criação lingüística é semelhante ao ato de criação artística e isso é o que constitui a realidade fundamental da língua, que é vista como um sistema de formas acabado, pronto para ser usado pelos falantes. Wilhelm Humboldt destacou-se como um dos maiores representantes desse pensamento. Essa perspectiva baseava-se na crença de que todos os fatos lingüísticos são explicados por uma psicologia individual, como pregava Wundt e seus discípulos no quadro de uma psicologia empirista. Os adeptos do subjetivismo idealista privilegiavam *a realização estilística e a modificação das formas abstratas da língua, de caráter individual e que dizem respeito apenas a esta enunciação* (BAKHTIN, 1999, p. 76).

A segunda tendência – o objetivismo abstrato – defendia a tese de que a língua – concebida como um sistema de formas fonéticas, gramaticais e lexicais – constitui o verdadeiro objeto de estudo de uma ciência. Nessa perspectiva, o sujeito falante é posto de lado e não interessam suas realizações lingüísticas. A língua, o sistema, basta-se a si mesmo. Trata-se de investigar os aspectos imanentes da língua, que não se reduzem a leis ideológicas e/ou artísticas. A sincronia determina sua abordagem, escanteando a história. A visão de língua que regeu essa tendência é a de uma língua convencional, arbitrária, em que a relação signo–signo no interior de um sistema fechado é o que determina a sua existência.

É a partir da crítica a esses dois sistemas de idéias que Bakhtin propõe o princípio do dialogismo com a essência do funcionamento da linguagem. Ele afirma:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1999, p. 123) (Grifos do autor).

Conforme se percebe, Bakhtin constrói uma reflexão sobre a natureza da linguagem a partir de uma viés sociológico. O aspecto social da linguagem é esboçado, na verdade, desde o redimensionamento da noção de signo lingüístico, que para ele se define pela traço ideológico. Essa concepção de signo ideológico surge como contraponto, na lingüística, à teoria formalista/estruturalista proposta por Saussure e seus seguidores, para quem o signo era imotivado e arbitrário.

No que se refere ao elemento *social*, destaco a perspicácia com que Bakhtin trata o sujeito falante, tema que tem merecido discussões acirradas nas diversas perspectivas teóricas da lingüística contemporânea e que constitui um dos aspectos contemplados no esboço da idéia de *dialogia*. Para ele, o sujeito se define pelas relações sociais que estabelece com seus interlocutores, no contexto social amplo e imediato das práticas lingüísticas interlocutivas que ocorrem no espaço enunciativo. Isso pode ser evidenciado nas seguintes palavras:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui *justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte* (BAKHTIN, 1999, p. 113) (Grifos do autor).

Vê-se, dessa forma, que a orientação para o outro é um dos pontos nodais da concepção de linguagem na visão do autor. Bakhtin estabelece no corpo teórico de seus apontamentos a alteridade como constitutiva da linguagem; o sujeito falante elabora suas enunciações em virtude da relação –

real ou virtual – que mantém com o(s) parceiro(s) da interação. Essa idéia fica melhor esclarecida com a noção de *atitude responsiva ativa*, que consiste na(s) reação(ões) que o locutor apresenta para o seu interlocutor nas situações comunicativas. Essa atitude do sujeito falante constitui uma das características dialógicas da linguagem. Ela rompe com o modelo de comunicação pautado numa teoria da informação de base mecanicista, em que os protagonistas do processo comunicativo apenas “trocam” seus enunciados, em que o locutor é considerado o participante ativo e o ouvinte o passivo. Contudo, na proposta de Bakhtin (2000: 290),

(...) o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar etc. e, esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (Grifo do autor).

O outro eixo de configuração do dialogismo é o da relação entre os enunciados. Na perspectiva bakhtiniana, a palavra está sempre relacionada com o que já foi dito e com o que ainda há de vir. Ela não é um elemento solto, aleatório, perdido no imenso fluxo da comunicação verbal; pelo contrário, ela estabelece um diálogo contínuo e ininterrupto com outras palavras circundantes no meio social. Segundo Bakhtin (1993: 86):

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social.

A afirmação acima destaca de forma reiterada a dupla natureza dialógica do enunciado: o fato de ele constituir-se sócio-historicamente e de manter contato com outras réplicas do grande diálogo social. Neste último caso, pode-se ver com Bakhtin que nossos enunciados estão entrelaçados como os fios de uma grande rede. Nossas palavras não podem fugir dessa condição mesma da linguagem, que é de estar permeada pela voz alheia e de servir, ao mesmo tempo, como tema a outros enunciados. Essa mútua relação caracteriza um aspecto que mereceu atenção específica por parte de Bakhtin e que ele denominou de *discurso de outrem*, do qual falarei a partir de agora.

## 2. O discurso de outrem: o falante e sua relação com a palavra alheia

O pensamento bakhtiniano sobre a linguagem – no que concerne ao conjunto de sua obra – demonstra claramente as limitações do formalismo/estruturalismo no tratamento de questões como o discurso citado. Sabemos que na perspectiva da tradição gramatical<sup>2</sup>, o discurso de outrem é visto como a fala do nosso interlocutor que é trazida para nossos enunciados sob três formas básicas: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. O discurso direto seria a forma de *reproduzir fielmente e textualmente as nossas palavras e a do nosso interlocutor, em diálogo, com a ajuda explícita ou não de verbos chamados dicendi* (BECHARA, 1999, p.481).<sup>3</sup>

Vê-se, dessa forma, que a abordagem tem a preocupação voltada para o aspecto sintático, isto é, da organização da palavra alheia no enunciado do falante. Nesse caso, deixam-se de lado as formas de introdução e de assimilação do discurso de outrem no discurso citante, as quais remetem, na perspectiva bakhtiniana, a questões de ordem extralingüística. É, no entanto, deste aspecto de que

<sup>2</sup> Recorro, aqui, à gramática tradicional normativa.

<sup>3</sup> BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

se ocupa o trabalho de Bakhtin. Para ele, a lingüística se omitiu muito no tratamento dos problemas sintáticos, em detrimento dos problemas fonéticos e morfológicos. Aliás, os problemas sintáticos – segundo ele – sempre tiveram o mesmo tratamento que os morfológicos. Na sua visão, Bakhtin destaca que a sintaxe deveria ser vista com outros olhos, uma vez que é um dos componentes gramaticais que mais se aproxima das formas concretas da enunciação, dos atos de fala.

Para Bakhtin (1999:144), *o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação.* (Grifos do autor)

O primeiro aspecto discutido por Bakhtin é o de que o discurso citado, quando integrado ao discurso narrativo, passa a ser tratado como um tema dentro de um outro tema. Nesse novo contexto, o discurso citado mantém sua autonomia estrutural, desencadeando apenas pequenas alterações sintáticas, estilísticas e composicionais no discurso do narrador, para que haja por parte deste uma adaptação ao discurso recebido. Nesse sentido, proponho reconstituir o percurso teórico e metodológico traçado por Bakhtin para a discussão do assunto, colocando-o em termos técnicos, científicos. Evidentemente tenho consciência de que Bakhtin se destaca mais como um pensador no quadro epistemológico das ciências humanas do que como um lingüista preocupado em estabelecer categorias e conceitos teóricos bem delimitados. Ninguém mais antidogmático do que ele nesse sentido. Suas formulações inscrevem-se muito mais num espírito reflexivo – o que não significa que ele não tenha se utilizado de procedimentos científicos, afinal, a própria filosofia constitui, com suas peculiaridades, uma área do conhecimento humano – do que numa atitude científica nos moldes de ciência. Para esboçar esse “fazer científico” do autor, tomo como texto base o nono capítulo do livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (1999), intitulado “O discurso de outrem”. Isso não me impede, todavia, de recorrer a outros textos de seus trabalhos que também tocaram nesse ponto.

Primeiramente, podemos perceber a elaboração do problema, registrado nos seguintes termos: “Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem? Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida?” O problema é revelador de uma preocupação constante em todo o texto, que é a de mostrar que a recepção do discurso alheio pelo discurso narrativo não é fortuita, desprovida de uma atitude avaliativa do falante; ao contrário, conforme afirma Bakhtin (1999: 147-148):

Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas um ser cheio de palavras interiores. (...) É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante.

Esse primeiro aspecto – o do problema – fornece-nos, conseqüentemente, sua hipótese: as formas da língua manifestam as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem. Isso constitui o segundo elemento da “pesquisa” sobre o tema em questão. O modo de apreensão do discurso citado pelo falante não constitui o momento de subjetivação dos processos psicológicos deste, mas é decorrente da tensão social instaurada pelo (des)encontro da palavra interior – representada pela visão de mundo, pontos de vista de cada um – com o enunciado do outro. Essa relação desencadeia três orientações que descrevem a natureza da inter-relação entre o discurso narrativo e o discurso citado, natureza esta que reitera a perspectiva social do funcionamento discursivo, conforme afirma Bakhtin (1999: 148):

O objeto verdadeiro da pesquisa deve ser justamente a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e a aquele que serve para transmiti-lo. Essa dinâmica, por sua vez, reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal.

Essas três orientações constituem aquilo que poderia chamar o movimento argumentativo do autor para explicar o problema levantado. A primeira delas defende que a reação ativa ao discurso de outrem pode visar à conservação da sua integridade e autenticidade. Nesse caso, o discurso citado tem suas fronteiras nitidamente delimitadas pelos próprios elementos da língua. Essa primeira tendência chamamos *estilo linear*, cuja principal função (...) *é criar contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado* (BAKHTIN, 1999, p. 150).

Na segunda orientação, ocorre o processo inverso: as fronteiras entre discurso citado e discurso narrativo são apagadas, permitindo que este último absorva o enunciado de outrem de forma que não se possam delimitar as particularidades lingüísticas que os separam. Essa tendência Bakhtin chamou *estilo pictórico*.

Finalmente, existe uma terceira orientação, em que, ao contrário da anterior, o discurso citado é que dissolve o contexto narrativo que o envolve. O discurso citado, nesse caso, ganha força e o decompõe.

Essa discussão nos mostra que as inter-relações entre o discurso narrativo e o discurso citado vão muito além de questões meramente lingüísticas. Como já se afirmou anteriormente, as formas lingüísticas apenas são reveladoras do que acontece no plano sócio-histórico das relações intersubjetivas e interativas. Afinal:

O enunciado concreto (e não a abstração lingüística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação (BAKHTIN, 1976, p. 9).

O que vimos até agora refere-se aos modos de relações mútuas entre esses discursos no plano da forma, isto é, no aspecto da integração do discurso citado pelo discurso narrativo. Contudo, se observarmos o texto “O discurso no romance” (1934-1935), veremos que Bakhtin retorna à problemática do discurso de outrem esboçada no texto do *Marxismo e filosofia da linguagem*, originalmente escrito em 1929. Em “O discurso no romance”, percebemos que ele enfatiza o aspecto sócio-histórico dessas relações entre discursos, só que o faz direcionando para um gênero discursivo específico, que é o romance. Porém, seja de uma forma mais abrangente, como no texto de 1929, seja de forma mais direcionada, como no texto de 1934-1935, o fato é que Bakhtin cada vez mais corrobora em suas reflexões a tese do dialogismo como princípio constitutivo da linguagem. Segundo ele:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva, intensa (BAKHTIN, 1993, p. 88).

O fragmento acima descreve a natureza de todas as nossas ações com a linguagem. Estamos fadados a falar sempre a partir de um “já-dito”, que está relacionado a um “porvir”. E não importa a orientação apreciativa de nossos enunciados: quer concordemos com o discurso alheio, quer rejeitemo-lo, *o discurso nasce no diálogo com sua réplica viva, forma-se na mútua orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica* (BAKHTIN, 1993, pp. 88-89).

Ainda no escopo dessa perspectiva, destaco a questão do domínio daquilo que se fala. A palavra, o enunciado não pertence a mim, enquanto falante da língua; pelo contrário, ela se situa numa zona fronteira em cujos extremos encontram-se os interlocutores. Estes, por sua vez, dotados de determinadas intenções, povoam esses discursos com seus índices de valoração e com seus acentos apreciativos, conforme observamos nos seguintes fragmentos:

Até o momento em que foi apropriado, o discurso não se encontra em uma língua neutra e impessoal (...); ele está nos lábios de outrem, nos contextos de outrem e a serviço das intenções de outrem (BAKHTIN, 1993, p. 100).

A linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada ou superpovoada de intenções de outrem. Dominá-la, submetê-la às próprias intenções e acentos é um processo difícil e complexo (BAKHTIN, 1993, p. 100).

Tanto em um quanto em outro fragmento, vê-se o projeto do autor e seu grupo em desenvolver uma concepção de linguagem pautada pela estratificação socioaxiológica, em que a heterogeneidade das vozes sociais (heteroglossia) define as relações estabelecidas entre os sujeitos falantes nas situações de interação. No texto “O discurso no romance”, o tema do plurilingüismo – usado como sinônimo de pluridiscursividade – é intensamente abordado, referindo-se ao conjunto de linguagens diferentes que compõem o discurso do prosador-romancista. Embora Bakhtin discuta tal conceito ao tratar do gênero romanesco, procuro estendê-lo aqui ao tratar da linguagem de uma forma geral por entender que o mesmo princípio que rege o funcionamento da linguagem no romance é o que rege na linguagem ordinária cotidiana, que é o princípio dialógico.

Ainda em “O discurso no romance”, mais precisamente no terceiro capítulo – o plurilingüismo no romance – Bakhtin trata do romance humorístico e faz algumas considerações com base em alguns fragmentos extraídos de um romance<sup>4</sup> de Dickens. Nesses trechos, ele identifica uma forma de introdução da fala de outrem no discurso narrativo chamada forma *dissimulada*, ou seja, sem nenhuma referência formal ao discurso do outro. Nas análises, Bakhtin destaca o estilo humorístico como o tipo de discurso em que as fronteiras entre os discursos citante e citado são proposadamente frágeis. Segundo ele, é justamente o caráter plurilíngüe, e não a unidade de uma linguagem comum normativa, que representa a base do estilo (BAKHTIN, 1993, p. 113).

A questão é vista também no texto “Os gêneros do discurso” (2000), quando Bakhtin trata da palavra e sua expressividade. Nessa discussão, ele retoma inevitavelmente a temática da alteridade, não apenas por se tratar do dialogismo, mas pela importância dada à fala de outrem como sendo o elemento constitutivo de nossos enunciados – quer orais, quer escritos – no fluxo da comunicação verbal. Nesse processo de retomada do discurso alheio, o trabalho do sujeito falante no seu discurso é o de assimilar, modificar e reestruturar, pois os enunciados de outrem são introduzidos nos nossos enunciados carregados do tom valorativo e da expressividade que trazem de seus contextos de “origem”, dirigindo, assim, nosso intuito discursivo. Nesse sentido, a orientação para o outro é determinante até no modo como formulamos nossas enunciações, desde o aspecto estritamente lingüístico (lexical, por exemplo) até as entonações específicas. Conforme Bakhtin (2000: 316):

(...) com muita frequência, a expressividade do nosso enunciado é determinada – às vezes nem tanto – não só pelo teor do objeto do nosso enunciado, mas também pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema aos quais respondemos, com os quais polemizamos; são estes últimos que determinam igualmente a insistência sobre certos pontos, a reiteração, a escolha de expressões mais contundentes (ou, pelo contrário, menos contundentes), o tom provocante (ou, pelo contrário, conciliatório), etc. (...) A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a reação com os enunciados do outro.

---

<sup>4</sup> Refiro-me ao romance humorístico *Litte Dorrit*.

Pelo visto, percebemos que o estudo das formas de transmissão do discurso de outrem no discurso narrativo é um tema bastante frutífero no tratamento dos variados gêneros discursivos. Bakhtin, como estudioso da literatura, deteve-se enfaticamente aos gêneros poéticos e prosaicos, mas o conhecimento que temos, hoje, dos diversos gêneros que circulam na nossa sociedade, permite-nos afirmar que o dialogismo – esse princípio fundador da própria linguagem, dos sujeitos falantes, dos discursos – é a condição *sine qua non* do funcionamento da comunicação verbal humana. É através da temática do discurso de outrem que notamos, ainda, o quanto nossa relação com a linguagem – que a princípio parece tão natural, banal e ingênua – está saturada pelos diversos índices de valoração, variados pontos de vista sobre o mundo. Com a linguagem, revelamos nossas crenças, convicções, ideologias, e isso só é possível porque ela chega até nós não como uma palavra neutra, desprovida de intenções, mas permeada pelos vieses daqueles que já a utilizaram em contextos, às vezes, contraditórios. Como Bakhtin (1999) mesmo já afirmara, a palavra é uma arena onde variadas posições ideológicas lutam por firmar esta ou aquela ideologia.

**REFERÊNCIAS**

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 196p.
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. [tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução Marina Appenzeller]. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. – (Coleção Ensino Superior). 421p.
- \_\_\_\_\_. O discurso no romance. In: *Questões de estética e de literatura*. 3.ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.
- \_\_\_\_\_. Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”. In: VOLOSHINOV, V. N. *Freudism*. New York: Academic Press, 1976 (Texto originalmente publicado em 1926).